

## **ASPECTOS FRONTEIRIÇOS DO RECONHECIMENTO NA OBRA ”O ESTRANGEIRO” DE CAMUS.**

**Mariza Galvão<sup>1</sup>**

### **Resumo:**

O presente artigo pretende apresentar a obra de Camus, *O estrangeiro*, pelos aspectos fronteiriços do reconhecimento. Camus é conhecido como o filósofo absurdista, pois o absurdo é uma categoria de sua filosofia, da qual trata da inabilidade humana em lidar com as adversidades da vida. A leitura que faremos sobre *O estrangeiro* não abordará o absurdo como categoria de análise. A categoria que abordaremos é o “reconhecimento” como propósito para entender o termo por meio de seus aspectos fronteiriços: reconhecer, identidade, falar, narrar e fazer.

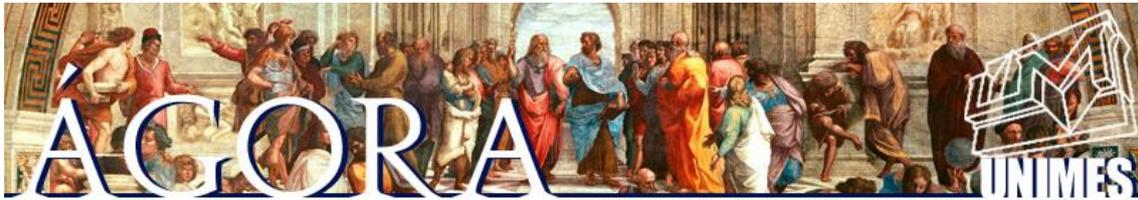
**Palavras-chave:** Reconhecimento , identidade, estrangeiro.

### **Introdução:**

O título da obra de Camus já revela certos aspectos fronteiriços, pois estrangeiro é “alguém” que vem de terra diferente. “Alguém” é pronome indefinido; tratando-se de pessoa, “alguém” é um modo vago de ser no mundo; assim é um estrangeiro. O estrangeiro literal, tratado por Camus, tem uma identidade, árabe de Argel, mas não é

---

<sup>1</sup> Mestre em Ciências da Religião pela Universidade Metodista de São Paulo, Graduada em Filosofia pela Faculdade de São Bento, teologia pelo Itesp (Instituto teológico São Paulo) e Administração de empresas pela Universidade Metropolitana de Santos. Atualmente é professora da (Unisantos) Universidade Católica de Santos, conteudista e professora tutora de ensino a distância (EAD - licenciaturas e bacharelados) da Universidade metropolitana de Santos (Unimes Virtual) e (ETEP) Escola de teologia e Pastoral - Curso de extensão de teologia (PUC - SP), faz parte do CEPISO (Comitê de ética em pesquisa do ISO Hospital Dia)



REVISTA ACADÊMICA DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES

UNIVERSIDADE METROPOLITANA DE SANTOS

Edição Especial – Simpósio de Filosofia - 2017

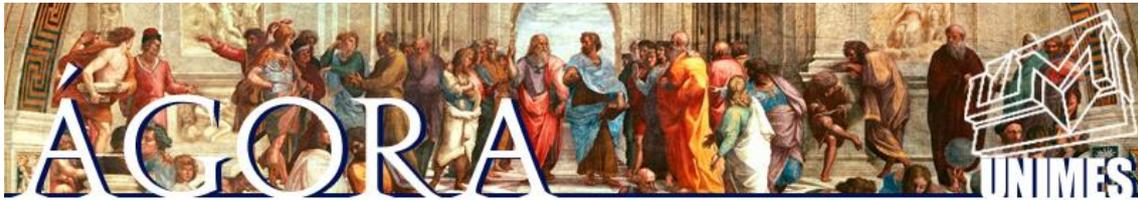
desse estrangeiro que Camus fala. O filósofo trata do estrangeiro metafórico, o que reside em uma geografia desconhecida, a geografia humana. Nesse sentido, o autor, os personagens e o leitor são os estrangeiros. Cada um a seu modo busca estar inserido em lugar, para poder fixar, talvez enraizar. É pela raiz que o vago “alguém” pode ser percebido e, assim, reconhecido.

Na obra, um dos aspectos de enraizar-se é falar, narrar-se e fazer. São esses os aspectos que chamamos de fronteiriços e que dão condição para entendermos a obra, não como absurdo, mas como projeto de reconhecimento. Ser chamado de “meu filho” ou uma mão no ombro fez correr no corpo de Meursault, o protagonista da obra, a eletricidade, como uma descarga elétrica, com sua identidade e com o autorreconhecimento. *O estrangeiro* nos traduz.

Albert Camus (1913-1960) é um literato e filósofo que desenha suas obras com o cruzamento dessas duas geografias. *O estrangeiro* é a obra em que estas duas geografias dialogam, porém sem pretensão de focar na filosofia, no entanto. O veio filosófico existencialista do autor aparece nas linhas de sua escrita de maneira natural, sem o esforço de demarcar um roteiro filosófico. Isso torna a literatura camusiana agradável, inteligente e instigante.

Um dos modos de analisar a obra de Camus é pelo viés do existencialismo. Ele sempre foi analisado com base na filosofia sartreana. Ocorre que Sartre também, analisou a obra *O estrangeiro* no texto intitulado “Explicação de ‘O estrangeiro’”. Uma das categorias em que a obra *O estrangeiro* é analisada, é a de *absurdo*. Claro que a base dessa categoria é outra obra, *O mito de Sísifo*, em que Camus trata do vazio, do nada, da revolta e da morte voluntária.

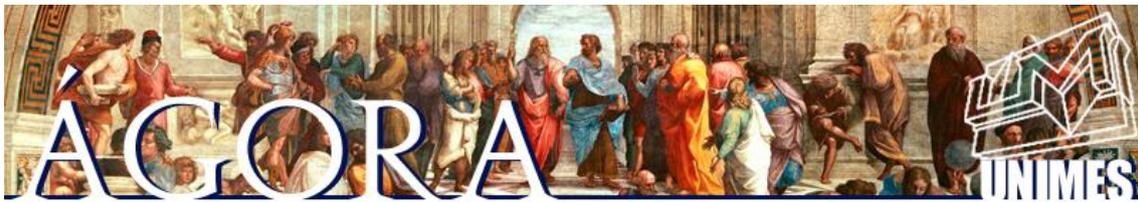
Em nossa análise sobre *O estrangeiro*, tentaremos seguir caminho diverso ao do existencialismo. A categoria em que iremos analisar *O estrangeiro* é a do reconhecimento, com o objetivo de investigar os aspectos fronteiriços.



A literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico, que obedece ao seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixará de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar. Cumpre fazer essa distinção algo sutil para evitar aquele erro de transformar a literatura em mero documento das situações e transições sociais. A repercussão imediata dos acontecimentos políticos na literatura não vai muito além da superfície, e quanto aos efeitos da situação social dos escritores sobre a sua atividade literária será preciso distinguir nitidamente entre as classes da sociedade e as correspondentes “classes literárias”. A relação entre literatura e sociedade – eis o terceiro problema – não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológicos e estilísticos) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica) (CARPEAUX, Otto Maria. 2011, p. 39).

A citação nos ajuda a já iniciar uma reflexão sobre a ideia de aspectos fronteirços. Qual é a fronteira entre a categoria reconhecimento e *O estrangeiro*? Uma delas é a relação, porque reconhecimento tem a ver com relação. Então, tratar da relação entre literatura e filosofia, literatura e seu tempo histórico, literatura e seus personagens, será a nossa primeira questão fronteira. A obra *O estrangeiro* não existe no ar, ela tem uma data e uma geografia, 1942, na Argélia. Em 1942, a Argélia e Marrocos sofreram a operação Tocha, que foi a operação que teve aliança entre EUA e Grã-Bretanha contra os alemães. O norte da África tinha sido invadido pelos italianos em 1940, mas a operação compasso, feita pelos britânicos, destruiu o exército italiano, deixando espaço livre para os alemães. No entanto, o espaço, não ficou tão livre assim, pois a operação Tocha foi a operação que atuou contra os nazistas. A força tarefa americana desembarcava nas praias norte-africanas.

Essas informações não existem na escrita de *O estrangeiro*, pelo contrário, o cenário que mais aparece na obra é de praia; e a imagem da praia descrita na obra é de lugar vazio de pessoas, mas cheia de sol e iluminação. A primeira imagem da praia é descrita de maneira detalhada: “...fomos para uma praia cercada de rochedos e com canteiros de rosas do lado da terra, a alguns quilômetros de Argel. O sol às quatro horas não estava quente demais, mas a água estava morna, com pequenas ondas longas e preguiçosas” (CAMUS, 2017, p. 39) e “O sol caía a quase pino sobre a areia e o seu brilho no mar era insustentável” (CAMUS, 2017, p. 55). Nestes dois exemplos, percebemos que, na praia que Camus descreve em 1942, não aparecem navios de guerra e tropas de soldados.

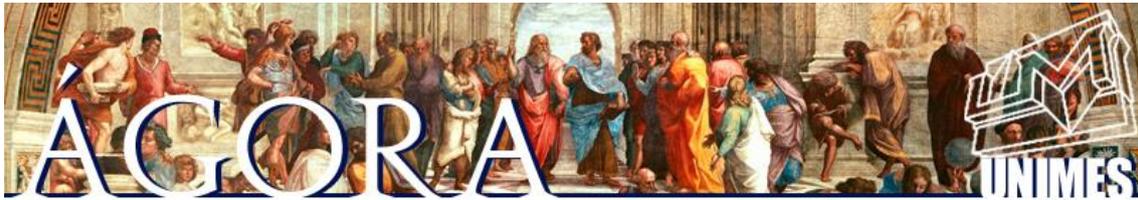


Levantamos a possibilidade de o livro ter sido escrito antes do mês de agosto, pois, no capítulo VI, Meursault menciona a possibilidade de passar as férias na praia: “Masson, Raymond e eu, encaramos a hipótese de passar o mês de agosto na praia, dividindo as despesas” (CAMUS, 2017, p. 54). A operação Tocha aconteceu em novembro, porém outras operações tinham acontecido antes, sob o domínio francês, italiano e alemão. A praia descrita por Camus é linda, entretanto, não é a mesma praia das operações de guerra.

Pelo cenário da praia entendemos o que Carpeaux quer dizer ao mencionar que a literatura não existe no ar, e também, não é um documento histórico. *O estrangeiro* não dá sinais de seu contexto. Na leitura simples, lendo o romance como tal, praticamente não há sinais de fios de contexto de guerra, inclusive, até o título parece ser distante do conteúdo da obra. Se formos entender a obra *O estrangeiro* procurando literalmente um estrangeiro iremos encontrar a nacionalidade árabe, mas que pouco aparece na obra. A primeira personagem é uma enfermeira sem nome, mas apresentada como “uma enfermeira árabe” (CAMUS, 2017, p. 15). Apenas no capítulo 5 da primeira parte é que o termo volta a aparecer, mencionando que um grupo de árabes perseguiu Raymond (CAMUS, 2017, p. 45). Apesar do título da obra, o árabe, como um estrangeiro, é um personagem secundário.

Um argelino, Kamel Daoud, reescreveu *O estrangeiro* sob a ótica de um árabe. A obra foi intitulada *O caso Mersault*. O árabe de Camus não tem nome, mas o de Daoud tem, Moussa (Moisés), que tem um irmão Haroun (Arão). A obra, *O caso Mersault*, rendeu ao jornalista Daoud o cobiçado prêmio francês Goncourt, críticas e um juramento de morte. Ao dar voz ao Árabe, Daoud deu voz à problemática social e religiosa da Argélia, um país que matou muito jornalista na década de 90.

Apesar de nossa curiosidade, não vamos tratar aqui das características dos dois autores, mesmo assim, não podemos deixar de fazer um comentário. Camus e Daoud são jornalistas, ambos usam a literatura como ferramenta de esclarecimento e reflexão, o que chamaremos de reconhecimento, no sentido de perceberem e, de certo modo,



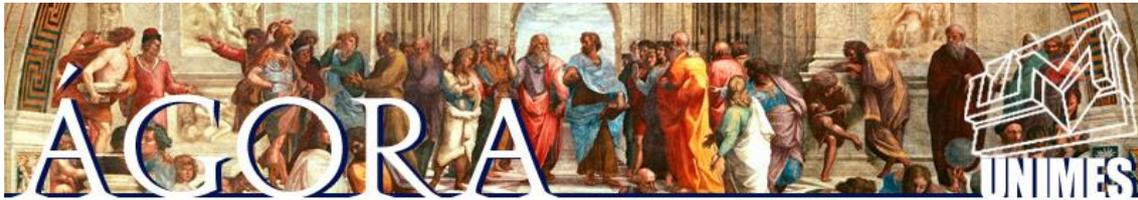
denunciarem o que percebem. A denúncia é sempre um modo de reconhecer alguém. O curioso é que o modo de reconhecimento dos autores é antagônico. O primeiro denuncia a sua época de modo velado, pelo retrato da indiferença, pela ideia de. O segundo, ao contrário, dá voz e atenção ao que foi velado pelo primeiro. Será mesmo antagonismo? Ou os dois estão fazendo uma denúncia ao não reconhecimento?

### **Sobre a obra**

A obra foi escrita em duas partes, a primeira contém seis capítulos; e a segunda, cinco. Se o título da obra não fosse *O estrangeiro*, poderíamos dizer que a obra tem um equilíbrio no conteúdo de suas partes. No entanto, o primeiro antagonismo que a obra apresenta é sobre seu título, o que desestabiliza a “ideia” de equilíbrio de partes da obra. Ao nosso ver, esta é apenas uma questão de estrutura, o que não diminui a obra, pelo contrário, instiga o leitor a procurar o estrangeiro e a querer saber mais sobre ele.

Como já mencionamos, o árabe, pouco aparece no texto. A presença do árabe no texto é a presença da etnia e não a presença da pessoa, no sentido da sua individualidade. Os personagens árabes não têm nomes. Eles são apresentados como: a enfermeira árabe ou o grupo de árabes. Nesse sentido, é que parece ficar disforme a divisão da obra, como se faltasse mais uma parte para contextualizar o título da obra, a presença do árabe em Argel, local em que a história se passa. Por outro lado, o sentimento de procurar o estrangeiro na obra, não cairia em segundo plano se a figura de Meursault não fosse tão misteriosa.

A narrativa é feita pelo próprio protagonista, e em primeira pessoa. É Meursault que apresenta uma história curiosa, iniciada pela morte da própria mãe. Quase como um diário, a narrativa vai se construindo em detalhes ricos e coerentes, sem a necessidade de o leitor retomar a leitura em busca de alguma ideia que não ficou clara. Em toda a primeira parte da obra, com seus seis capítulos, Meursault nos apresenta sua maneira diferente de ser diante das adversidades da vida. Usando a categoria do existencialismo, ao invés de adversidades, diríamos, escolhas. Meursault se torna indiferente a tudo que o cerca e, de tanta indiferença, como uma marca registrada, repete por várias vezes a expressão “tanto faz”. É com o espírito de “tanto faz” que Meursault vela sua mãe, tem

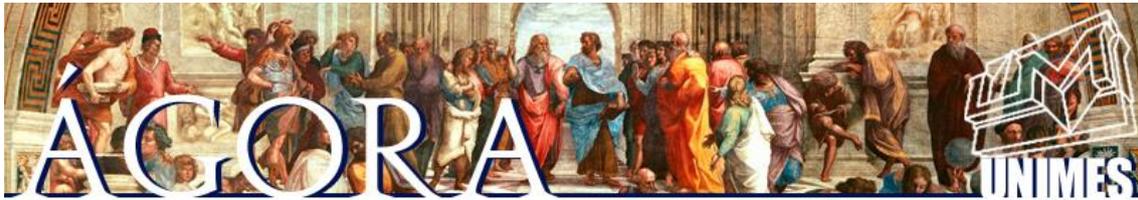


relação com mulher, é cúmplice com a violência que uma mulher sofre, se envolve num assassinato, mas é conselheiro de seus vizinhos e, apesar de falar pouco o que pensa, ele ouve aos vizinhos.

Enquanto a primeira parte da narrativa demonstra um estilo mais narrativo romanceado, a segunda parte é mais filosófica. Isso não quer dizer que a filosofia não apareça na primeira parte. Mas, na segunda parte, Meursault é preso e julgado pelo assassinato de um árabe. É no ambiente da prisão que seus questionamentos aparecem, é neste momento que ele próprio fica diante da condição da vida, ou, especificamente, da morte, pois a condenação à morte levou Meursault ao contato com si próprio, tornando-o sensível ao ponto de sentir tremor, falar alto e ficar nervoso. Foi apenas na parte final da obra que Meursault revelou seu lado humano, demonstrando que a dor também o visitava.

Como não vimos clareza sobre o título da obra em seu conteúdo, já que os árabes que aparecem na obra não têm um significado explícito na própria obra, nos perguntamos: Qual o motivo de a obra ser intitulada *O estrangeiro*? A nossa apreciação não tem a pretensão de analisar a literatura isolada do nosso objetivo, que é verificar a obra a partir dos pontos fronteiros da ideia de reconhecimento. Mesmo que não queiramos esmiunçar a literatura, pela literatura, nos intrigamos com o título, já que sabemos que um prêmio Nobel de literatura, como o recebido por Camus não intitularia de modo desavisado a obra que o consagrou como prêmio Nobel.

No sentido de querer entender os pontos fronteiros do reconhecimento é que supomos que o estrangeiro pode ser o próprio autor e leitor. Camus nasceu na Argélia, mas era considerado filósofo e literato francês. No período em que escreve *O estrangeiro*, Argel era colônia francesa. Camus também era jornalista, conhecia bem o propósito da guerra, como jornalista, literato e filósofo, Camus sabe a devastação que uma guerra faz, não apenas no patrimônio nacional, mas também no patrimônio pessoal. Ser colônia de outro país é ser refém. Por um lado, o protagonista de sua obra, que tem a ver com o



sentimento de guerra, com o sentimento dos sem ação, dos sem raiz, dos despatriados. A palavra sentimento nos remete à ideia de memória, afetividade. O estado de guerra rouba a afetividade, pois a lei da sobrevivência imprime um caráter egoístico de que nada é tão importante quanto ele próprio. É nesse cenário oculto que está inserido Meursault.

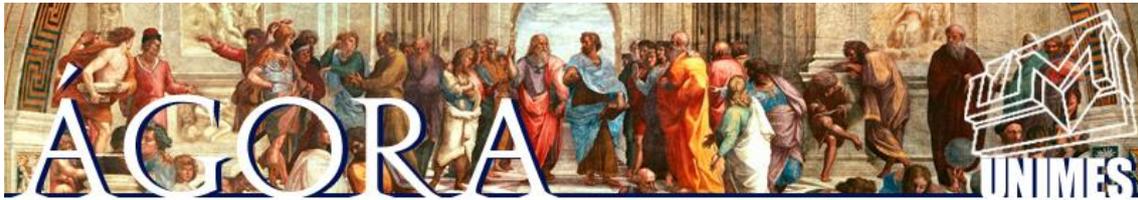
O estrangeiro também tem a ver com o leitor, porque, em alguns momentos que somos privados de possibilidade de reflexão; por causa da clareza das coisas nos sentimos estranhos em nosso próprio lugar; por outro lado, Camus diz: “Um mundo que se pode explicar, mesmo com raciocínios errôneos, é um mundo familiar. Mas num universo repentinamente privado de ilusões e de luzes, pelo contrário, o homem se sente um estrangeiro” (CAMUS, 2008, p.20).

## Os personagens

Hoje, mamãe morreu. Ou talvez ontem, não sei bem. Recebi um telegrama do asilo: "Sua mãe falecida: Enterro amanhã. Sentidos pêsames". Isto não quer dizer nada. Talvez tenha sido ontem.

O asilo de velhos fica em Marengo, a oitenta quilômetros de Argel. Tomo o autocarro das duas horas e chego lá à tarde. Assim, posso passar a noite a velar e estou de volta amanhã à noite. Pedi dois dias de licença a meu patrão e, com uma desculpa destas, ele não me podia recusar. Mas não estava com um ar muito satisfeito. Cheguei mesmo a dizer-lhe "A culpa não é minha" (CAMUS, A. 2017. p. 13).

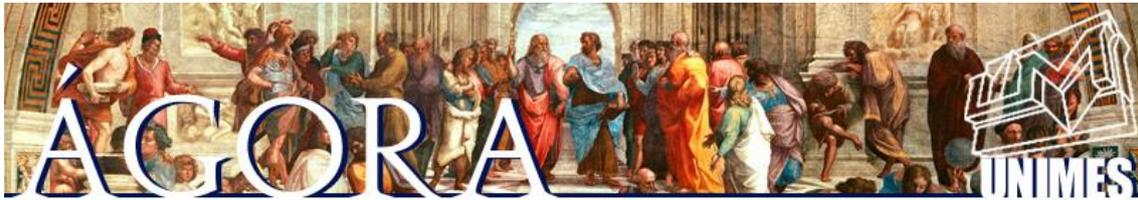
O protagonista se mostra estranho desde as primeiras linhas da obra, pois ele mesmo narra a dúvida sobre a data da morte da mãe. A morte de sua mãe acabou de ocorrer, mas o personagem não sabe ao certo quando. A indiferença já no primeiro ato de sua fala, assusta, não lembrar quando a mãe faleceu, sendo que isto, acabara de ocorrer, é um tanto esquisito. O protagonista menciona, que a morte a mãe é uma desculpa para ele pegar dois dias de licença. O termo “desculpa”, usado por ele, também demonstra um comportamento estranho. As citações nos mostram uma primeira fotografia do personagem, uma pessoa desprovida de sentimentos e de condição de afeto. A mãe lhe parece ser tão estranha, quanto os seus sentimentos. O protagonista demonstra ser uma figura enigmática.



Meursault não visitava a mãe por dois motivos: a princípio, porque ela chorava por estar no asilo, o segundo motivo era porque “a visita me tirava o domingo, sem contar o esforço para ir até o ônibus pegar as passagens e fazer duas horas de viagem” (CAMUS, 2017, p. 14). A mãe de Meursault já estava no caixão, que estava parafusado, quiseram abri-lo para ele ver a mãe, mas ele não quis vê-la. Depois abriram o caixão para iniciar o velório, mas, antes de fechar o caixão, perguntaram mais uma vez se Meursault queria ver sua mãe, mas ele disse que não. Estranharam que Meursault não chorou a morte da mãe e não quis vê-la pela última vez. Usando uma categoria de Freud, Meursault é o homem que vive o princípio do prazer, se satisfaz com as coisas imediatas. Foi até o local em que a mãe morreu, participou do evento, mas não se envolveu com ele. O código do *ethos*, por exemplo, como chorar pela mãe morta, não foi referência na vida Meursault.

No outro dia, como Meursault teve o dia livre, resolveu tomar um banho de mar. Ele encontrou Marie Cardona, uma antiga datilógrafa que ele desejava na época em que trabalhavam juntos. Tomaram banho de mar, foram ao cinema assistir a uma comédia e dormiram juntos. Marie viu que ele usava uma gravata preta e perguntou se estava de luto. Ele respondeu que sim, que a mãe tinha falecido no dia anterior. A moça aceitou a resposta sem nenhum questionamento. O personagem demonstra ser desprovido de sensibilidade; do mesmo modo, parece que a moça também é desprovida de sensibilidade, pois ela percebe que ele está de luto e, ao saber que a mãe dele falecera no dia anterior, não demonstra sentimento de emoção. Meursault completa o final de semana com o seguinte pensamento: “Pensei que passara mais um domingo, que mamãe agora já estava enterrada, que ia retornar o trabalho e que, afinal, nada mudara” (CAMUS, 2017, p. 29).

Os vizinhos de Meursault parecem ser como ele, também desprovidos de sentimentos e emoção. Salamano é o vizinho que tem um cachorro, briga e bate no cachorro há oito anos. O cão rasteja de medo do dono. Quando o cachorro resolveu fugir, Salamano não sabia o que fazer, bateu à porta de Meursault e pediu conselhos a ele. Apesar do jeito frio de Meursault, os vizinhos lhe pedem conselhos e favores. Ele atende a todos.



Raymond foi outro vizinho que lhe pediu conselhos. Diziam que ele vivia às custas das mulheres, mas ele negava, dizia ser comerciante. Raymond era revoltado com o modo que Salamano tratava o seu cão, no entanto, ele planejou dar uma surra na mulher com quem saía. Ao perguntar se Meursault queria ser seu amigo, ele respondeu que tanto fazia. Raymond contou a Meursault que bateu na mulher com quem saía até ela sangrar, porém que não a castigava bastante, Ele arquitetou um plano de escrever uma carta para a mulher.

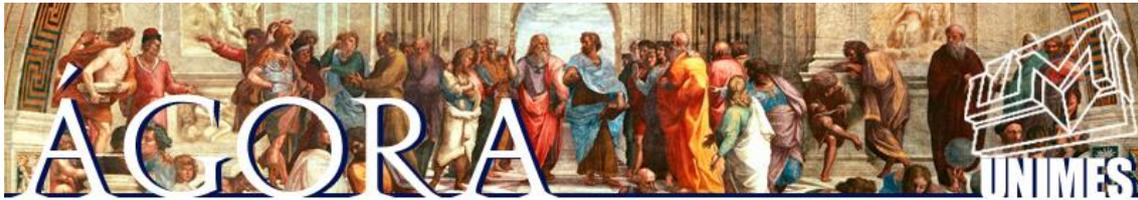
Queria escrever-lhe uma carta “com pontapés e, ao mesmo tempo, com coisas para fazê-la arrepender-se”. Depois, quando ela voltasse, levá-la-ia para a cama como fazia habitualmente e, “justo no momento de acabar”, cuspiria na sua cara e a poria para fora. Achei que dessa maneira ela estaria castigada. Mas Raymond me disse que não se sentia capaz de escrever a carta... (CAMUS, 2017, p. 36).

Sem hesitar, Meursault escreveu a carta, mesmo que o próprio Raymond não fosse seu amigo. Na primeira parte do livro, passado e futuro não fazem parte da vida de Meursault, pois memória e projeção de vida não constituem a sua vida; por outro lado, vive o momento presente com indiferença e opacidade, se servindo apenas de seus desejos primários.

### **Reconhecimento**

A palavra reconhecer emite a ideia de algo que já foi conhecido, desse modo, emite a ideia de algo que está na memória. Então, reconhece deriva de um conhecer. Conforme já mencionamos, Meursault não transita no passado e no futuro. Ele parece ser conhecedor apenas do presente; conhecedor, então, do que vê, não do visto ou do que verá. Mas do que vê. Ele parece estar na condição dos sentimentos primários. Foi ao enterro da mãe, teve relação com uma mulher, ouvia seus vizinhos, fazia favores, escreveu uma carta para uma das vizinhas com a qual seduziria uma mulher para cair numa cilada, matou um homem, mas não entrou em contato efetivo com nenhuma de suas ações.

Meursault conhecia suas ações, mas não era reconhecedor de seus sentimentos em suas ações. Não reconhecia a si próprio, nem as pessoas que faziam parte de sua trajetória. Meursault era um estrangeiro exilado da ideia de reconhecimento. Parecia estar em



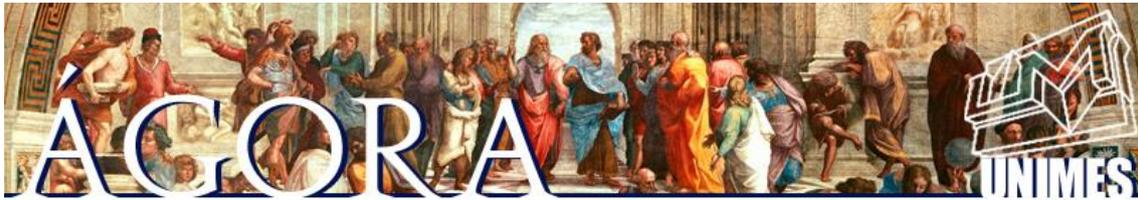
divórcio com sua própria vida. A isto, Camus chamava de absurdo. Meursault, não parecia estar em divórcio com a vida, ele apenas parece não ter fialidade com o sinal de reconhecimento. Ele não reconhecia o humano de cada pessoa do seu convívio, parecia também não reconhecer sua própria humanidade.

Para Ricoeur, a ideia de reconhecimento se ampara em três ideias que se ligam: ser reconhecido e, reconhecer a alguém, o que demanda uma compensação, da qual ele chama de sinais de gratidão (Ricoeur, 2006, p.20). O que quase nos parece uma dialética. Já para Honneth, o reconhecimento está ligado a três ideias: o amor, o direito e a estima (Honneth, 2017, p.24). Outra ideia sobre o reconhecimento é a abordada por Taylor, que a relaciona com identidade.

“identidade” designa algo como uma compreensão de que somos, de nossas características definitórias fundamentais como seres humanos. A tese de que nossa identidade é moldada em parte pelo reconhecimento ou por sua ausência, frequentemente pelo reconhecimento errôneo por parte dos outros, de modo que uma pessoa ou grupo de pessoas pode sofrer reais danos, uma real distorção, se as pessoas ou sociedades ao redor deles lhes devolverem um quadro de si mesmas redutor, desmerecedor ou desprezível. O não-reconhecimento ou o reconhecimento errôneo podem causar danos, podem ser uma forma de opressão, aprisionando alguém numa modalidade de ser falsa, distorcida e redutora (Taylor, 2000, p.241).

Não tem como negar o que Taylor menciona, pois nossa identidade é configurada pelo modo como fomos reconhecidos ou não. A falta de reconhecimento, tanto de si próprio, quanto de alguém para si, pode fazer com que a pessoa não encontre o seu lugar no mundo e fique vagando como um estrangeiro, sem deixar crescer ou fixar raiz. O estrangeiro normalmente é alguém sem raiz, é alguém que não teve reconhecimento, já que as raízes são sinais de segurança e confiança.

As propostas de reconhecimento de Ricoeur, Honneth e Taylor interagem e nos levam a pensar que o reconhecimento proposto pelos filósofos está inserido na segunda parte de *O estrangeiro*. Após o assassinato do árabe, Meursault foi preso e, na sua opacidade, sem critério para avaliar onde estava comenta: “No dia da minha prisão fecharam-me, primeiro, num quarto onde já havia muitos detidos, árabes em sua maioria. Riram ao ver-me. Depois, perguntaram-me o que havia feito. Disse que tinha matado um árabe e ficaram todos em silêncio” (CAMUS, 2017, p. 71). Meursault, não reconhece que em



um presídio pode prevalecer a ética do mais forte, não reconhece que em sua maioria o grupo no presídio é de árabes, por isso, ele comenta que matou um árabe, para um grupo de árabes, demonstrando não ter consciência sobre o que fez. O reconhecimento oferece repertório à consciência.

Meursault menciona que geralmente ninguém se interessava pela pessoa dele, no entanto, o julgamento, por falta de assunto, demandava um número substancial de jornalistas. Para Meursault, tudo parecia interessante, até porque ele nunca tinha participado de um julgamento. As perguntas enfáticas e relevantes do interrogatório eram sobre a mãe de Meursault, não propriamente sobre a morte do árabe. O fato de ter internado a mãe, não ter chorado a sua morte, de não querer vê-la no caixão pesou muito no julgamento, e foi o que determinou a condenação de Meursault.

O último diálogo de Meursault com o padre, antes de sua execução, nos deu a entender que Meursault entrou em contato com sua consciência, que ele se reconheceu. O padre disse que o visitava por inspiração de amizade, porém eles não eram amigos. Apesar de sabermos que a presença do padre é parte do ritual quando alguém vai ser executado, nos parece que o padre era a representação metafórica da consciência de Meursault. Em uma condição enigmática, o padre pergunta à Meursault porque ele recusa a sua visita. Meursault responde que não acredita em Deus.

O padre mudou a estratégia do diálogo se apropriando de metáforas: “– Todas estas pedras transpiram dor, eu bem sei. Nunca olhei para elas sem angústia. Mas, no fundo do coração, sei também que os mais miseráveis dentre vocês viram sair da sua obscuridade um rosto divino. É este rosto que lhe pedem para ver” (CAMUS, 2017, p. 107). Meursault responde que conhece aquelas pedras há meses e que por mais que quisesse que elas se revelassem, nenhum rosto apareceu, mas momento em que o padre chama Meursault de “meu filho” e põe a mão sobre os ombros dele parece que aquele foi o momento em que Meursault foi reconhecido como pessoa humana. Foi como se o fio da consciência o tocasse e saltasse fora dele toda a sua humanidade, toda a sua indiferença em reconhecimento a si próprio. Meursault se revelou em humanidade, pois começou “a gritar em altos berros, insultei-o e disse-lhe para não rezar. Agarrara-o pela

gola da batina. Despejava nele todo o âmago do meu coração com repentes de alegria e de cólera” (CAMUS, 2017, p. 108).

Por mais que Meursault argumentasse que nenhuma certeza valia mais que o cabelo de uma mulher e que não se importava com nada, Meursault falou o que sentia, pôs para fora tudo o que sentia e atirou-se na cama, esgotado, pensou na mãe pela primeira vez. Poder falar, poder dizer e poder fazer são imperativos do reconhecimento. Falar e narrar está no campo da reflexão, e da consciência. Quando Meursault conseguiu falar e narrar-se, entrou em contato com sua identidade, com sua voz moral e passou a reconhecê-la. Nesse momento, Meursault deixa de ser indiferente a si próprio. A parede que ele olhava por meses, e onde não aparecia nenhum rosto revelou o rosto da dor, por isso, gritou.

No campo do fazer já não tinha mais o quê, pois sua condenação era a condição de uma rua sem saída. Mesmo que tardiamente, foi necessário Meursault entrar em contato com sua própria narrativa. Acreditamos que as pessoas que entram em contato com suas próprias narrativas deixam de ser estrangeiras, pois falar dá visibilidade, por isso, liberta.

## Referências:

CARPEAUX, Otto Maria. Introdução, em: **História da Literatura Ocidental**. São Paulo: LeYa, 2011.

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. Rio de Janeiro: BestBolso, 2017.

\_\_\_\_\_ **O mito de Sísifo**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

RICOEUR, Paul. **Percurso do reconhecimento**. São Paulo: Loyola, 2006.

TAYLOR, Charles. **Argumentos filosóficos**. São Paulo: Loyola, 2000.

## Para citar este trabalho:

**GALVÃO, Marisa. ASPECTOS FRONTEIRIÇOS DO RECONHECIMENTO NA OBRA "O ESTRANGEIRO" DE CAMUS. Revista Ágora. Edição Especial do Simpósio de Filosofia. Novembro-2017.**

**Disponível em:**

<http://periodicos.unimesvirtual.com.br/index.php?journal=formacao&page=index>